

VIDA DE LOURDES

-

MULHER CORAGEM

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Vida de Lourdes – Mulher coragem – Escriba de Cristo

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

M543 Escriba de Cristo, 1969 –

Vida de Lourdes – mulher coragem

*Frei Paulo/SE, Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 114 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798718583809 Edição 1º

1. Vida de Lourdes 2. Maria de Lourdes Mota
de Menezes 3. Biografia 4. Testemunho

CDD 920

CDU 82-94 / 92 /929

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL
-CNPJ 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

Este livro é a biografia resumida de Maria de Lourdes Mota de Menezes, mulher coragem. Com sua personalidade tímida, calada e muito observadora, percebe o mundo em sua volta, sem ficar dando sua opinião, sem querer saber mais que os outros, mas que teve a sabedoria de cuidar e criar os seus filhos com muito trabalho e esforço, Quando seu marido Valdemar morreu, seu filho mais velho tinha 5 anos e a mais nova uma semana de nascida. Amou sem limites seus filhos. Não era de falar palavras carinhosas, nem de afagos, mas seu amor era expresso nas atitudes. A quem ela pudesse ajudar, ajudava totalmente, mesmo não podendo ia ao limite. É verdade que muitos se aproveitaram da sua bondade ao longo da vida para feri-la e oprimi-la, mas como uma ovelha ela não abriu a sua boca. De uma vida apática e sem fervor religioso, após muito sofrimento, encontrou conforto em Jesus Cristo em 1984, de quem nunca mais se separou. Hoje, 2021 às vésperas dos seus 75 anos, ela pode nos contar um pouco da sua vida. Como seria bom que os jovens ouvissem os mais velhos, e não deixassem a arrogância da juventude fazê-lo achar que pode cortar caminhos na vida.



O projeto deste livro necessitou de recuperação de imagens em álbuns fotográficos e entrevistas com

várias pessoas que conviveram com Lourdes. As imagens dos ancestrais de Lourdes que obtivemos, devemos a uma especial colaboração de José Resende, primo de Lourdes, homem culto e dado a um gosto particular por preservação da história. Sem sua participação perderíamos boa parte das imagens dos antepassados de Lourdes.

ANCESTRAIS



Flora Goes (Rabelo) Mendonça. Bisavó de Lourdes, avó de Odete e mãe de Vitalina.



Acima meus bisavós: José de Goes e sua esposa Flora Goes, os pais da minha avó Josefa Vitalina. Este José de Goes é meu bisavô.



Acima uma foto da minha avó Vitalina, mãe de minha mãe Odete.

Vida de Lourdes – Mulher coragem – Escriba de Cristo



Lourival Mendonça, tio avô de Odete, casado com Nenê, irmã de Vitalina. Lourival era bisavô tio de Lourdes. (1950)



Da esquerda para direita dos que estão em pé para os que estão sentados: Odete (mãe de Lourdes), Cinole, Valdete, Laudio, Mendocinha, Odemar, Laudelino, Noélia e Hubaldino. Ano de 1924



Hubaldino com sua filha Vera Mendonça e sua irmã Vanda Mendonça.



Odete, mãe de Lourdes e Josefa Mendonça, avó de Lourdes.



“Princesa” tia-avó de Lourdes.

NASCIMENTO

Não tenho muitas lembranças da minha infância, só lembro das coisas depois dos oito anos de idade, mas o que eu ouvi falar pelos outros é que eu vivi por milagre. Logo que eu nasci, um ano depois nasceu minha irmã Bernadete. Minha irmã que nasceu após mim, começou a andar e falar e eu ainda não falava e nem andava. Minha mãe me carregava no colo que era mais velha e minha irmã Bernadete andando.

Nasci no município de Frei Paulo, no Estado de Sergipe e vivia parte da minha vida na fazenda do meu pai na Serra Redonda onde meu pai, José Tavares da Mota tinha uma fazenda na qual criava gado, e tinha plantações de mandioca para produção de farinha e também plantava feijão.

TRABALHO NA ROÇA

Cresci nesta fazenda, onde meus pais contavam com a ajuda dos filhos e alguns empregados para manter a fazenda. Foi uma vida sofrida porque trabalhávamos o dia inteiro. Lá não tinha luz elétrica nem água encanada. Então carregávamos potes até um tanque, cerca de um quilometro da casa e trazíamos na cabeça água em potes para as necessidades básicas.

Na época de “farinhada” trabalhava direto de setembro a dezembro descascando mandioca. No tempo do inverno ia ao campo plantar milho e feijão. Não parava de trabalhar. Acordava às seis horas e ia ralar milho para fazer cuscuz, éramos em muitos irmãos.

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Dia de sábado e domingo é que tínhamos livre para brincar de boneca. Também brincávamos com mangas verdes pequenas a qual fazíamos com pedaços de pau pernas e dizíamos que era gado. Meu irmão Antonio, que era o mais velho dos irmãos, fazia curral de pedaços de gravetos e assim brincávamos com o que vinha em nossa imaginação. Bem diferente da vida das crianças de hoje em dia.



Da esquerda para direita: Lourdes, Maria e Bernadete.

MARIA GENIOSA

Lá em casa, quando pequena, cada uma tinha sua caneca de plástico ou alumínio para tomar água ou suco. Copos de vidros só eram postos a mesa na ocasião de eventos especiais ou quando tinha visita em casa. Mas minha irmã menor, a Maria, era geniosa e queria porque queria tomar líquidos no copo de vidro. Um dia ela vendo os copos de vidro dentro da cristaleira, ela deu um soco e quebrou o vidro do móvel para pegar o copo.

Quando minha mãe viu isto, não pensou duas vezes, deu uma senhora surra na Maria.

ESCOLA

Minha irmã Bernadete aprendeu a ler e escrever como eu e meus outros irmãos, na escola rural que havia lá na Serra Redonda, não havia um ensino regular como hoje em dia. Então minha irmã Bernadete ainda pequena escrevia de vez em quando uma carta e entregava nas mãos do nosso pai, José de Marcolina. Na carta ela sempre pedia para poder estudar na escola na cidade.

Finalmente nosso pai, José Tavares, ou vulgarmente chamado de “José de Marcolina”, porque as pessoas tinham o hábito de chamar o nome da pessoa associando com o nome de um dos pais. No caso nosso pai era José e Marcolina era o nome da sua mãe.

Papai acatou o pedido de Bernadete, mas nossa mãe Odete falou que só iria mandar para escola a Bernadete. Eu protestei, coisa que raramente fazia, e disse que também queria estudar na cidade de Frei Paulo. Nosso pai disse para nossa mãe que sim, que Odete deveria mandar as duas para a cidade estudar.

Quando cresci fui estudar em uma escola particular chamada Imaculada da Conceição. Minha professora de matemática era Dona Caçula que era uma ótima professora, a professora de português era dona Inês que era muito boa, mas sendo muito rígida em questão de disciplina.

Naquele tempo os professores tinham autoridade completa sobre os alunos, a indisciplina era inimaginável. Era comum os professores disciplinares alunos

colocando-os de joelho na sala na frente de todos e bater na mão com uma régua. Houve um caso mesmo que um aluno ficou com uma deformação na mão, devido um golpe de madeira que tomou na mão da professora.

1ª COMUNHÃO

Nascida em seio de família cristã da Igreja Católica, fiz o catecismo e participei da cerimônia de 1ª comunhão registrada na foto abaixo.



COLEGAS DE ESCOLA

Lembro-me de duas colegas deste tempo: Gesandra que mora na mesma rua que eu e outra chamada Valdemaria, que era prima de Gesandra e nós

estudávamos na mesma sala, a qual mais tarde eu daria o nome a uma das minhas filhas, Valdemária.



Gesandra, já adulta

Quando havia trabalho escolar, nós sempre fazíamos juntos. Eu nunca fui de ter muitas amizades. Não tinha inimizades, mas amigas foram poucas ao longo da vida devido a minha personalidade tímida e recatada. Nunca me envolvi em encrencas, quando alguém se alterava, eu já ficava calada e não dava seguimento a contenda.

PUREZA APANHOU

Nossa irmã mais velha era Maria Pureza da Mota. Ela foi de fato nossa mãe, ela que cuidava dos irmãos menores, limpava a casa e fazia a comida. Naqueles tempos os filhos tinham muitas obrigações domésticas não eram criados a vontade, sem fazer nada como hoje em dia. Pessoas que crescem sem o costume de trabalhar. Mas a carga da Pureza era muito pesada e

mesmo sendo ainda uma menina, tinha responsabilidades de adulto. Mesmo havendo visitar em casa, nossa mãe muitas vezes saía com a visita, ia para um lado e para outro e quem ficava preparando a comida era Pureza, em uma destas vezes, Pureza se distraiu e deixou a carne queimar, lembro que era carne de porco e fígado que seria servido no almoço.

Mamãe ao ver que Pureza queimou a carne, levou-a para um quarto, longe das visitas e deu uma tremenda surra na Pureza. Nosso pai José era um homem muito bom e nunca nos bateu. Ele reclamou com mamãe por ter batido na Pureza, afinal ela (Odete) era quem deveria cozinhar.

Segundo Pureza, sua avó Marcolina a protegia de sua mãe Odete e não a deixava bater ou xingar Pureza. Portanto sempre que Marcolina estava na casa, Odete evitava ser ríspida com Pureza.

MÃE FRIA

Mamãe não era uma má pessoa, mas não lembro dela fazendo um carinho em nós, suas filhas. Ela fazia o que achava correto, mas não tinha expressão de afetividade, carinho e amor em palavras, ou um sorriso para nós, suas filhas. De certa forma a criação de minha mãe contribuiu para que eu também não conseguisse ser uma pessoa afetiva e carinhosa. Muito comedida com palavras de ternura ou afável. Não que guardo rancor de mãe Odete, mas aquele vazio de minha infância e adolescência nunca foi preenchido. Ao longo da vida precisei de mamãe e ela estendeu suas mãos para mim. Como disse, ela era uma boa mãe, só não era carinhosa.

PERSONALIDADE

Eu sempre fui tímida e nunca ia para o embate pessoal com ninguém. Se havia qualquer desavença sobre qualquer assunto, eu apenas me calava e deixava que o outro fizesse do jeito dele. Minhas irmãs Bernadete e Josefa sempre comentavam que para mim tudo estava bom, porque não reclamava de nada, não debatia, não brigava. Gostaria de ter outro temperamento, mas temperamento nós não escolhemos. Mas com este jeito submisso e pacífico cheguei aos meus 75 anos sem fazer inimizades. Nunca quis ser o centro das atenções. Nunca forcei nada para ter algo. Só entrava quando convidada, só entrava em portas abertas pela vida.



ESPIRITUALIDADE

Durante minha vida de solteira eu não tinha devoção alguma. Ia para a Igreja Católica porque meus pais iam e nos levavam. Não tinha fervor religioso algum. Até gostava porque ir a missa de domingo era como um passeio. A nossa casa em Frei Paulo ficava a três quadras da Igreja. Ir a missa aos domingos era para mim uma diversão e não devoção. Já minhas irmãs Bernadete e Maria da Graça (Gracinha), eram católicas fervorosas como são até hoje.

Eu era fria na minha natureza religiosa e quando casei, deixei de freqüentar a Igreja, nunca mais fui a Igreja Católica, ainda que mandei os filhos para fazer as obrigações religiosas como batismo e 1ª Comunhão. Naquele tempo isto era mais valorizado pela sociedade que ainda era de predominância católica. Quando casei não me tornei atea, apenas abandonei a Igreja por não ter fé suficiente. Com a morte do meu marido, e com muitos problemas, procurei respostas imediatistas na vida passando a consultar macumbeiros e um destes disse que meu guia era Nossa Senhora da Imaculada da Conceição e depois disto eu passei a carregar em minha bolsa uma imagem desta santa, mas que, em certo dia, durante uma mudança de casa, ela se quebrou e nunca mais adquiri outra imagem.

Após um tempo freqüentando terreiros de macumba e centro espírita mesa branca, quando me mudei para o Estado de São Paulo me converti a Cristo na igreja evangélica e de lá para cá, nunca mais abandonei ao Senhor, mas esta história contarei mais adiante.

COMÉRCIO DO ANTONIO